

## Os equivalentes funcionais em português das construções francesas *se faire + INF e se voir + INF/PP*

*Pierre Lejeune*

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

*Sílvia Araújo*

Universidade do Minho

### 1. O problema

Se observarmos o *corpus* que se segue:

(1a) Elle s'est vu attribuer le premier prix

(1b) \*Ela viu-se atribuir o primeiro prémio

(2a) Elle s'est fait avoir

(2b) ??Ela fez-se enganar

(3a) Elle s'est fait prier

(3b) \*Ela fez-se rogar

(3c) Ela fez-se rogada

(3d) \*Elle s'est fait prié

vemos que a tradução portuguesa das construções (1a), (2a) e (3a) que propomos, a título meramente exemplificativo, nem sempre pode ser realizada com os predicados complexos causativos e perceptivos equivalentes a *se faire/se voir*, apesar destes predicados existirem também em português (*fazer-se/ver-se*).

De facto, vemos que *ver-se* e *fazer-se* são de todo inaceitáveis na tradução portuguesa dos exemplos (1a) e (2a), quer por incompatibilidade sintáctica (1a), quer por incompatibilidade semântica (2a). Só o exemplo (3a) pode ser traduzido de um modo quase literal, mediante a substituição do infinitivo por um particípio passado (cf., ex. (3c)).

## 2. Objectivos

O *corpus* acima transcrito parece suficiente para justificar a não equivalência total entre as formas francesas e portuguesas. A análise que nos propomos fazer procura descrever o **comportamento sintáctico-semântico** das formas em questão e desdobra-se, assim, em dois objectivos complementares:

- por um lado, o de evidenciar características comuns às duas línguas em causa ou que são específicas a cada uma delas, relativamente às **condições de aparecimento** e ao **modo de funcionamento** dos predicados complexos acima referidos;
- por outro lado, o de sistematizar as condições em que a chamada tradução literal (do francês para o português) é vedada ou não, e no caso de o ser, procuraremos determinar as **construções alternativas** disponíveis assim como os **mecanismos eventuais de compensação para manter algumas características da construção original** (valência verbal, tematização, papéis temáticos).

## 3. Corpora

A fim de chegar a conclusões fiáveis, cruzámos os resultados da análise de dois *corpora*:

- um **corpus bilingue** elaborado a partir de textos literários franceses do século XIX e de textos jornalísticos provenientes de *Le Monde Diplomatique* (publicados em 2003) e as suas respectivas traduções em português;
- um **corpus monolíngue** construído a partir de textos jornalísticos extraídos de *Le Monde* e do *Público* que não estão traduzidos.

Com os exemplos recolhidos do *corpus* comparado (monolíngue), procurámos identificar, numa primeira etapa, as restrições que regem o emprego dos predicados complexos *supra* mencionados nas duas línguas em questão enquanto que a análise do *corpus* paralelo (bilingue) permitiu-nos inventariar os meios linguísticos mobilizados pelos tradutores portugueses sempre que a chamada tradução literal é impossível.

## 4. Uma convergência parcial de duas formas aparentadas à passiva prototípica

Convém, desde já, salientar que a forma *se faire INF* é considerada por vários autores (cf., entre outros, Gaatone, 1983; Shyldkrot, 1980; Blanche-Benveniste, 1984; Roggero, 1984; Kupferman, 1995) como o equivalente banal de uma passiva prototípica:

<b>Construção activa</b>
(4a) La police a arrêté Pierre (5a) On a mis Marie à la porte
<b>Passiva canónica correspondente (être PP)</b>
(4b) Pierre a été arrêté par la police (5b) Marie a été mise à la porte
<b>Passiva não-canónica (se faire INF)</b>
(6a) Pierre s'est fait arrêter par la police (6b) Marie s'est fait mettre à la porte

De facto, passivas canónicas como (4b)-(5b) e passivas não canónicas como (6a)-(6b) partilham um conjunto significativo de propriedades sintácticas:

- (i) em primeiro lugar, o constituinte com a função de sujeito (aqui, 'Pierre' e 'Marie') da passiva canónica (4b)-(5b) e da passiva não canónica (6a)-(6b), tem, na activa correspondente, a função de objecto directo;
- (ii) em segundo lugar, em todas estas construções, o sintagma introduzido pela preposição *por* (aqui, 'la police') tem, na activa correspondente, a função sintáctica de sujeito, mantendo em ambas as situações a mesma função semântica (digamos, a função de agente).

Embora revelem fortes afinidades sintácticas como acima demonstrámos, tanto as construções (6a)-(6b) como as construções do tipo:

(7) Il s'est vu condamner à 5 ans de prison

apresentam propriedades sintáctico-semânticas específicas que as distinguem da passiva prototípica. De facto, enquanto que em (4b)-(5b) ocorre uma forma do auxiliar *ser*, ausente da activa correspondente, seguida de uma forma participial, em (6a)-(6b) temos um reflexivo pronominal clítico *se* e um verbo causativo *faire* necessariamente seguido por um infinitivo, e em (7), esse mesmo pronome reflexivo é combinado com o verbo perceptivo *voir* que pode ser seguido, como veremos mais adiante, tanto por uma forma participial como por uma forma infinitiva.

Importa notar, desde já, que as construções (6a)-(6b) e (7) trazem elementos estruturalmente significativos que tornam mais saliente o grau de actividade e de agentividade do sujeito sintáctico. De facto, os verbos *voir* e *faire* contribuem por si só para conferir ao sujeito sintáctico das construções em que estão envolvidos um papel mais 'activo' do que na passiva canónica.

### 5. Uma divergência: o grau de agentividade do sujeito sintáctico

A este propósito, Tasmowski & van Oevelen (1987: 54) argumentam que a construção pronominal *se faire + INF-transitivo* tem primária e essencialmente o valor 'causativo reflexivo' e só *secundariamente* é que recebe o valor 'passivo'. Este sentido factitivamente causativo torna-se bem claro em enunciados do tipo:

(8) Marie s'est fait construire une maison

em que *se faire* funciona, sintáctica e semanticamente, como meio de expressão de uma causação factitiva, que atribui ao sujeito principal do enunciado (a Maria) a responsabilidade total pela ocorrência do processo descrito. Mesmo num enunciado do tipo:

(9) Marie s'est fait mettre à la porte

em que o sujeito **não provoca intencionalmente** algo por ele tido como negativo, essa atitude (involuntária) manifesta um certo grau de responsabilidade: de facto, em (9), excep-

tuando o caso em que a Maria provoca deliberadamente o seu despedimento (para receber uma indemnização, por exemplo), temos a sensação que a Maria é, em parte, a responsável pela ocorrência da situação descrita; não manifestou as qualidades necessárias ou o comportamento adequado à sua função, ou pelo menos não recorreu aos meios necessários para evitar o despedimento.

Apesar de apresentarem um sujeito **sem controlo e responsabilidade** sobre a situação descrita, as construções sintáticas de *se voir* não são simples formas arbitrárias e vazias de sentido, mas formas com valores semânticos correlacionados com os sentidos de *ver*. De facto, no exemplo que se segue:

(10) Marie s'est vu mettre à la porte

*Marie não é geradora ou responsável* da/pela situação criada. Embora não seja propriamente agente, *Marie* é aqui conceptualizada como fonte de percepção do processo expresso no infinitivo.

De tudo isto se pode pois concluir que tanto as construções causativas pronominais *se faire* INF como as construções em que ocorre *se voir* não representam meras opções formais, sintacticamente determinadas, mas são antes semanticamente motivadas.

## 6. Tratamento distribucional: estabelecimento de restrições de co-ocorrência

No quadro de síntese abaixo<sup>1</sup>, assinalámos as restrições sintáticas e semânticas das formas estudadas em português e em francês, isto é os contextos de ocorrência destas formas segundo a função exercida pelo pronome reflexo *se* (acusativo ou dativo):

	se voir INF	se voir PP	ver-se INF	ver-se PP	se faire INF	se faire PP	fazer-se INF	fazer-se PP
COI	+	-	-	-	+	-	-	-
COD Teleonómico					+	-	+	+
COD Antiteleonómico					+	-	+	-
COD Manifestação de um pré-construído					+	-	+	+
COD Surgimento	+	+	-	+				

<sup>1</sup> Para os leitores menos familiarizados com os vários conceitos (teleonómico, manifestação, etc.) introduzidos neste quadro, faremos uma apresentação breve e esquemática de cada um deles na segunda parte deste trabalho, inteiramente dedicada à análise contrastiva dos dados recolhidos no nosso *corpus*.

Este quadro requer algumas considerações, ainda que breves, sobretudo no que diz respeito aos aspectos sintáctico-semânticos que opõem mais claramente as formas existentes nas duas línguas em questão. Como vemos, em português, ao contrário do que acontece em francês:

- *ver-se* apenas se compatibiliza com verbos no particípio passado (nunca no infinitivo), enquanto que o francês aceita, como vimos, tanto um como outro;
- *fazer-se* pode ser seguido ora de um particípio passado ora de um infinitivo (em francês, só se admite, como já referimos, a construção *se faire* INF);
- *ver-se* e *fazer-se* nunca ocorrem em enunciados que promovem a sujeito o argumento com a função sintáctica de **objecto indirecto**.
- a construção *fazer-se* denota mais frequentemente um processo intencional do que um processo não-intencional, o que, no essencial, significa dizer que esta construção veicula mais raramente do que em francês um valor antiteleonómico; o contraste de aceitabilidade entre os exemplos (2a) «Elle s'est fait avoir» (perfeitamente natural) e (2b) «Ela fez-se enganar» (dificilmente aceitável) dá uma ideia da diferença de funcionamento desta construção nas duas línguas.

Para ilustrar as várias restrições acima mencionadas, apresentamos em seguida uma tabela com várias construções exemplificativas de *se voir/ver-se* provenientes do nosso corpus comparado:

	se voir INF	se voir PP	ver-se INF	ver-se PP
COI	• United s'est vu <b>décerner</b> le prix du meilleur service à bord.	-	•	
COD Surgimento	• Les Grasshoppers <b>se voient</b> ainsi <b>sortir</b> sur le fil de la compétition européenne <u>alors qu'ils pensaient avoir fait le plus dur</u> (...)	• Il s'est vu <b>conforté</b> dans sa décision par un arrêt du conseil d'Etat;  • Les psychiatres des hôpitaux <b>se voient</b> aujourd'hui <b>menacés</b> d'être considérés comme ayant une activité libérale, soumis à des cotisations sociales sans aucun rapport avec leur statut	•	• Portugal que, até aos anos 70, apenas havia sido um país de emigrantes, <b>viu-se</b> <b>subitamente transformado</b> num país atractivo para movimentos migratórios.

Vejamos ainda alguns exemplos concretos das formas *se faire/fazer-se* que poderão contribuir para a ilustração das restrições que sobre elas incidem:

	<b>se faire INF</b>	<b>se faire PP</b>	<b>fazer-se INF</b>	<b>fazer-se PP</b>
<b>COI</b>	• Le Directoire <b>se fait voter</b> les pleins pouvoirs pour préserver les intérêts de la société [...];	-	-	-
<b>COD Teleonómico</b>	• Dinelli <b>s'est fait apprécier</b> des autres concurrents en leur rendant de précieux services.	-	• À beira de um ataque de nervos, Amira Yoma <b>fez-se internar</b> , na semana passada, numa clínica psiquiátrica, [...].	• [...] não há dúvida que os Sírios conseguiram <b>fazer-se notados</b> em Barcelona.
<b>COD Antiteleonómico</b>	• D'autres ont eu peur de <b>se faire agresser</b> .	-	• O meio-campo não tem ideias e a defesa <b>fez-se enganar</b> três vezes na segunda parte pelos portugueses.	-
<b>COD Manifestação de um pré-construído</b>	• Les premiers effets de la famine <b>se font sentir</b> .	-	• A recuperação do Nikkei <b>fez-se sentir</b> nas duas sessões seguintes.	• O verão <b>fez-se rogado</b> e começou tarde, em termos climáticos.

### 7. Os valores semânticos de *se faire* INF et *se voir* INF

Para caracterizar os valores semânticos próprios das duas construções<sup>2</sup>, um método eficaz consiste em isolar os efeitos de sentido originais relativamente à forma passiva canónica *être* PP, quando são de facto concorrentes. Este método não se pode aplicar quando se dá a promoção para sujeito sintáctico do complemento de objecto indirecto em enunciados com complemento duplo (objecto directo/objecto indirecto), tal como acontece nos exemplos seguintes, já que nestes casos a forma canónica não pode ocorrer<sup>3</sup> e, conseqüentemente, não se pode excluir a hipótese de um esvaziamento semântico dos verbos *faire* e *voir* que seriam meros suportes da construção sintáctica.

(11a) «Le Président **s'est fait expliquer** le fonctionnement de la recherche de documents par ordinateur.» (M)

(12a) «Les salariés vont **se voir proposer** une contribution de solidarité.» (M)

<sup>2</sup> A maior parte dos exemplos apresentados nas várias alíneas dedicadas à descrição do comportamento sintáctico-semântico das formas francesas *se faire* INF e *se voir* INF são retirados das edições de *Le Monde* de Dezembro de 1996 (M). Alguns exemplos são fabricados (F).

<sup>3</sup> Nos exemplos seguintes, a passiva canónica só é possível com promoção a sujeito sintáctico do OD: (11b) Le fonctionnement de la recherche de documents par ordinateur **a été expliqué** au président; (12b) Une contribution de solidarité va **être proposée** aux salariés.

Já quando o paciente do processo (o objecto directo) é promovido à posição de sujeito, existe uma concorrência directa entre a passiva canónica e as construções *se faire/se voir* INF. Para caracterizar o «suplemento de sentido» dado por estas, defenderemos a hipótese de uma continuidade semântica com a generalidade dos empregos dos verbos *faire* e *voir*.

### 8. *Se faire* INF: valores teleonómicos e antiteleonómicos

Formularemos a hipótese de que *se faire* INF marca a conformidade entre duas construções:

- uma construção subjectiva;
- uma construção temporal.

Se entendermos **teleonomia** no sentido lato como selecção subjectiva de um valor privilegiado de uma relação predicativa<sup>4</sup> independentemente de qualquer localização temporal desta relação, e **antiteleonomia** como a selecção subjectiva *a posteriori* de um valor privilegiado como possível ou previsível, dividiremos as ocorrências da construção *se faire* INF em três classes, das quais as primeiras duas correspondem a uma teleonomia e a última a uma antiteleonomia.

#### Classe 1: processo visado pelo sujeito do enunciado

Um processo/uma mudança de estado (marcado pelo infinitivo) é visado pelo sujeito do enunciado, o qual é necessariamente animado (como em (13)), ou pelo menos dotado de agentividade, (como em (14)), onde «trente-cinq villages» é uma metonímia de «les habitants de trente-cinq villages»).

(13) «D'une façon ou d'une autre, je serai célèbre, et si je ne suis pas célèbre, je saurai **me faire remarquer**, proclamait le jeune Wilde.» (M)

(14) «Trente-cinq villages de montagne se sont regroupés en association pour mieux **se faire connaître**.» (M)

#### Classe 2: tipo «se faire sentir», com pre-construção do sujeito do enunciado

Um fenómeno, um acontecimento ou as consequências previsíveis de um acontecimento (marcado pelo sujeito do enunciado, daí a possibilidade de termos um sujeito inanimado) aparecem num campo de percepção de um grupo de pessoas geralmente indeterminado mas situado no espaço e no tempo. A manifestação no tempo de fenómeno ou do acontecimento é segunda, já que este foi o objecto de uma primeira construção (pré-

<sup>4</sup> Na terminologia da teoria das operações predicativas e enunciativas de A. Culioli, isto corresponde à selecção do valor p entre os valores (p,p') que a relação predicativa pode assumir.

construção marcada geralmente por um artigo definido) subjectiva (geralmente assumida pelo sujeito da enunciação no enunciado anterior): o fenómeno que «se faz sentir» tem uma existência prévia que o torna, ou torna as suas consequências (cf., *infra*, exemplo (15)) potencialmente «sensíveis», pelo que também, neste caso, podemos falar em teleonomia no sentido lato.

- (15) «Un mois après l'apparition de la couche de glace, les premiers effets de la famine **se font sentir** : en une semaine, près de 5 000 rennes sont morts de faim et les autorités locales estiment que 150 000 autres, sur une population totale de 240 000, sont menacés.» (M)

Classe 3: antiteleonomia, tipicamente com processos detrimenais para o sujeito do enunciado

A primeira construção do processo é temporal. *Se faire* marca a conformidade entre o que acontece e o que retroactivamente podemos dizer que devia acontecer (ou pelo menos tinha uma probabilidade forte de acontecer). A relação de (quase) necessidade/fatalidade que determina o processo marcado pelo infinitivo (processo muitas vezes detrimental para o sujeito do enunciado) pode ter várias origens, sendo a mais comum o comportamento do sujeito do enunciado (provocação, negligência, imprudência, etc.), como em (16). Este caso é referido frequentemente na literatura como supondo a responsabilidade do sujeito:

- (16) «Une Tunisienne qui avait accepté un rendez-vous [avec le journaliste], **se fait enguirlander** par son mari: et sa porte restera fermée sur un silence pesant.» (M)

No entanto, deparamo-nos rapidamente com exemplos em que a previsibilidade não pode ser ligada à responsabilidade do sujeito, devendo entrar em linha de conta o agente (cf. *infra*, exemplo (17)) ou até uma espécie de fatalidade (como o mostra o ex. (18)).

- (17) «Dès que le vent atteint 40 nœuds, les vagues dépassent 10 mètres. Le bateau **se fait coucher** par les déferlantes, une fois à gauche, une fois à droite.» (M)

- (18) Ce chien a traversé toute la ville pour bêtement **se faire écraser** devant la maison de son maître. (exemplo de Tasmowski-De Ryck & van Oevelen 1987, p. 51)

**9. Por que razão a construção antiteleonómica se verifica quase sempre com processos detrimenais?**

Se pusermos de lado o caso «manifestação» (*se faire sentir*), existem basicamente duas leituras possíveis de um enunciado em *se faire* INF: 1) a teleonomia com o processo visado; 2) a antiteleonomia.



As duas interpretações estão sempre potencialmente presentes, mas – isto interessa directamente o tradutor - o contexto ou elementos extratextuais (pragmáticos) bloqueiam na maioria dos casos uma das interpretações. Num enunciado como o que se segue:

(19) Elle **s'est fait raser** la tête. (F)

a questão que se coloca é a da plausibilidade do processo «*raser la tête*» ser visado por «*elle*»: tal é o caso se estivermos a falar de uma «*skinhead*» (tradução: «*mandou rapar o cabelo*»); se estivermos perante o caso de uma mulher que teve uma relação com um Alemão durante a segunda guerra mundial, a construção adquire então um valor antiteleonómico (e neste caso, a tradução mais correcta é a seguinte: «*raparam-lhe a cabeça*»).

A dupla leitura explica porque nos casos de antiteleonomia os processos detrimenais para o sujeito («*se faire attraper*»/«*se faire violer*»/«*se faire avoir*», etc.) são muito mais frequentes que os processos «*benefactivos*»:

- para os processos detrimenais, a leitura teleonómica é automaticamente bloqueada, embora convenha salientar que num contexto apropriado um processo geralmente detrimental pode-se tornar visado para um sujeito, como está exemplificado em:

(20) «*Au lycée, elle se faisait punir délibérément, car la sanction consistait à courir autour des terrains.*» (M)

- para os processos não detrimenais, a leitura espontânea penderá para o lado do teleonómico (visado), a não ser que o contexto bloqueie esta interpretação teleonómica, como se pode ver no seguinte exemplo:

(21) «*Il s'est fait sans le vouloir élire capitaine de l'équipe.*» (F)

Assim, se o detrimental para o sujeito implica necessariamente a antiteleonomia, a antiteleonomia não implica o detrimental apenas em casos relativamente excepcionais.

## 10. *Se voir* INF

Partiremos da caracterização de *voir* proposta por J.-J. Franckel (1989: 414), que toma o partido da unidade semântica deste marcador (sem distinguir por exemplo um sentido concreto e um sentido abstracto de *voir*):

«[...] *voir* renvoie à la mise en contact d'un stimulus avec un sujet qui constitue le pôle actualisateur, mais non l'agent de cette mise en contact. Le sujet est le siège d'un percept visuel, mais cette mise en contact correspond au court-circuitage de toute agentivité. [...] le sujet n'a aucune prise sur le déclencheur du stimulus de sa vision. En ce sens la vision relève de l'événementiel pur, d'une forme de contingence. Elle relève de ce que nous appellerons le mode du constatif ou encore d'un fonctionnement aoristique».

Se seguirmos Franckel, podemos dizer numa primeira aproximação que *se voir* INF marca a constatação pelo sujeito sintáctico do enunciado de um acontecimento/processo

cuja construção lhe escapa. Ao contrário do que acontece com *se faire* INF, não temos uma dupla construção subjectiva/temporal. Existe apenas num determinado tempo a percepção pelo sujeito de um acontecimento que nem controla nem antecipou (mais precisamente podemos dizer que a construção do enunciado não dá nenhuma indicação quanto ao facto de o sujeito ter ou não antecipado o acontecimento).

Os exemplos seguintes, com as duas construções que envolvem o mesmo verbo no infinitivo, são elucidativos da diferença:

(22) «Quelques jours auparavant, le juge d’instruction s’était rendu au siège de la Drac Rhône-Alpes à Lyon, où il s’est fait remettre des documents qualifiés d’«intéressants»».

(23) «Les lauréats de cette année se verront remettre une dotation en matériel bureautique et informatique.» (M)

Em (22), o juiz desloca-se à sede da Drac onde pede que os documentos lhe sejam entregues (o processo é visado); no segundo exemplo, os vencedores do concurso não controlam o acto de serem premiados. Só o podem constatar.

#### «Se voir» é compatível com os processos detrimenais

Neste caso (exemplo (24)), o sujeito só pode constatar a situação de que é vítima.

(24) «Un joueur de basket finlandais s’est vu refuser son embauche dans un club belge au motif que la période des mutations était échue.» (M)

Mas o processo não tem que ser detrimental. Basta que o sujeito não controle o que lhe está a acontecer (exemplo (25)).

(25) «United s’est vu décerner le prix du meilleur service à bord...» (M)

Neste exemplo, a atribuição do prémio à companhia aérea é construída como não controlada por ela (ao contrário de «s’est fait décerner» que privilegiaria a interpretação de uma manipulação do júri).

#### As condições que deve satisfazer o sujeito da construção *se voir* INF

O sujeito não tem que ser agentivo, mas pelas características de *ver*, deve em princípio poder ser «sede de uma percepção», «experienciador». Daí uma tendência para termos sujeitos animados. Trata-se porém de uma tendência, nada mais: encontram-se exemplos com sujeitos não animados. Em (26), podemos recuperar um sujeito animado através de uma metonímia («cette fiction» em vez de «les auteurs de cette fiction»), mas exemplos

como (27), onde não parece haver uma diferença significativa de sentido relativamente a uma passiva canónica, sugerem a possibilidade de um esvaziamento semântico completo de *voir*:

- (26) «Cette fiction à allure de documentaire s'est **vu attribuer** la Pyramide d'Or du festival du film du Caire...» (M)
- (27) «La contrainte réglementaire devrait **se voir** mieux **contrôlée** dans son application par la création d'un service de police de l'environnement au niveau départemental ou régional, sous l'autorité du préfet et du ministère de l'environnement.» (M)

### 11. As traduções de *se faire* INF<sup>5</sup>

Distinguiremos quatro situações:

- i) promoção à posição de sujeito sintáctico do OI;
- ii) promoção do OD e processo visado (classe 1);
- iii) promoção do OD tipo «se sentir» (classe 2);
- iv) promoção do OD e antiteconomia (classe 3).

(ii) e (iii) funcionam em Português e permitem a tradução literal (exemplos (28a)-(28b) e (29a)-(29b)):

- (28a) «Plus tard il monta à son bureau et **se fit annoncer** chez le marquis de La Mole, qui heureusement n'était pas sorti.»
- (28b) «Mais tarde subiu ao seu escritório e **fez-se anunciar** ao marquês de La Mole, que felizmente não saíra.» (RN)
- (29a) «Et, tout d'un coup, comme le petit allait s'élancer pour rejoindre son train, un craquement formidable **s'était fait entendre**, l'éboulement avait englouti l'homme et l'enfant.»
- (29b) «E de repente, como o pequeno fosse a correr para alcançar o seu comboio, **fez-se ouvir** um estalo formidável; o desmoronamento tinha engolido o homem e a criança.» (G)

A tradução literal é sempre impossível para as construções do tipo (i), impossível ou pelo menos forçada na maior parte dos casos para as construções do tipo (iv). Sendo assim, o tradutor tem que encontrar soluções alternativas que respeitem na medida do possível os seguintes critérios:

<sup>5</sup> Os exemplos de tradução provêm, no caso de *se faire* INF, de textos literários do século XIX: *Le rouge et le noir* (RN); *Madame Bovary* (MB); *Germinal* (G); *Bel-Ami* (BA); no caso de *se voir* INF, de artigos do *Le Monde Diplomatique* de 2003.

- 1º (tipos i e iv) preservar a continuidade temática do texto mantendo o sujeito sintáctico nesta posição;
- 2º (tipo i) recuperar de maneira explícita ou implícita (neste caso, através do contexto) o papel do beneficiário marcado no texto francês por *se*;
- 3º (tipos i e iv) preservar a construção subjectiva do processo (intencionalidade do sujeito da enunciação no caso da teleonomia, determinismo assumido pelo sujeito de enunciação no da antiteleonomia).

A tradução de (30a) cumpre os três critérios. Destacamos a compensação a nível do beneficiário através da introdução do pronome pessoal *lhe* na completiva de (30b). Em (31b), o beneficiário é apagado (Emma sozinha? Emma com outra pessoa?). Em (32b) (tipo iv), perdemos com a tradução a dimensão de fatalidade construída por *se faire* INF no texto original.

- (30a) «Il examinait les échantillons, s'en **faisait apporter** d'autres, reprenait les premiers.»
- (30b) «Examinava as amostras, **fazia com que lhe levassem** outras, voltava a pegar nas primeiras.» (BA)
- (31a) «Emma **se fit servir** à dîner dans sa chambre, au coin du feu, sur un plateau.»
- (31b) «Emma **mandou servir** o jantar no quarto, no canto do fogão, sobre um tabuleiro.» (MB)
- (32a) «Se jeter à genoux pour demander la grâce de Julien, devant la voiture du roi allant au galop, attirer l'attention du prince, au risque de **se faire** mille fois **écraser**, était une des moindres chimères que rêvait cette imagination exaltée et courageuse.»
- (32b) «Deitar-se de joelhos para pedir o indulto de Julião diante do carro do rei a galope, chamar a atenção do príncipe arriscando-se mil vezes **a ser esmagada**, era uma das menores quimeras que sonhava aquela imaginação exaltada e corajosa.» (RN)

## 12. As traduções de *se voir* INF

Deparamo-nos com dois tipos de situações: i) promoção do objecto directo; ii) promoção do objecto indirecto.

i) não coloca grandes problemas, já que a construção *ver-se* PP está quase sempre disponível, como acontece em (33b):

- (33a) «Qu'elle provienne de chefs d'entreprise, de syndicats, de mouvements sociaux et politiques, d'organisations de défense des droits de l'homme, toute contestation **se voit disqualifiée**.»
- (33b) «Sejam elas oriundas de empresários, de sindicatos, de movimentos sociais e políticos, ou de organizações de defesa dos direitos humanos, todas as contestações acabam por **se ver desqualificadas**.» (MD)

Para ii), os três critérios acima referidos para *se faire* INF (continuidade temática, conservação do beneficiário e da construção subjectiva) continuam válidos, embora o critério da construção subjectiva seja menos determinante, já que com *se voir* INF o papel do sujeito sintáctico – simples experienciador – é muito mais discreto. Destacaremos dois tipos de tradução:

- a passagem para uma construção infinitiva transitiva directa, que permite a promoção do beneficiário a sujeito sintáctico (cf, *infra*, ex. (34b));
  - a passagem para um infinitivo simétrico em termos semânticos com uma construção activa em que o beneficiário também se torna sujeito (cf, *infra*, ex. (35b)).
- (34a) «Le chef de l'AKP **se vit** même ouvertement **reprocher** d'avoir appelé à prendre au sérieux la voix du peuple chypriote: sa vision, selon laquelle il fallait traiter la question chypriote en fonction de l'adhésion de la Turquie à l'Union européenne, serait fausse et dangereuse.»
- (34b) «O líder do AKP **foi** mesmo abertamente **criticado** por ter lançado um apelo no sentido de levar a sério a voz do povo cipriota: a sua visão, segundo a qual era necessário abordar a questão cipriota em função da adesão da Turquia à União Europeia, seria errónea e perigosa.» (MD)
- (35a) «La compagnie pétrolière Halliburton, dirigée jusqu'en 2000 par M. Richard Cheney, actuel vice-président des Etats-Unis, **s'est vu attribuer** la charge de lutter contre les incendies des puits de pétrole.»
- (35b) «A companhia petrolífera Halliburton, dirigida até 2000 por Richard Cheney (o actual vice-presidente dos Estados Unidos) **recebeu a incumbência** de lutar contra os incêndios dos poços de petróleo.» (MD)

## Referências

- Blanche-Benveniste, Claire (1984) Commentaires sur le passif. *Travaux du Claix* 2. pp. 1-23.
- Franckel, Jean-Jacques (1989) *Étude de quelques marqueurs aspectuels en français*. Genève-Paris: Librairie Droz.
- Gaatone, David (1983) Le désagréable dans la syntaxe. *Revue romane*, 18 (2). pp. 161-174.
- Kupferman, Lucien (1995) La construction passive en *se faire*. *Journal of french language studies* 5. pp. 57-83.
- Roggero, Jacques (1984) Le passif, le causatif et quelques autres formes étranges. Cercle Linguistique d'Aix-en-Provence. *Travaux* 2, *Le passif*. Publications de l'Université de Provence, pp. 35-37.
- Shyldkrot, Hava Bat-Zeev (1981) À propos de la forme passive «se voir + V<sub>inf</sub>». *Folia Linguistica* XV/3, pp. 387-407.
- Tasmowski-De Ryck, Liliana & Hildegard van Oevelen (1987) Le causatif pronominal. *Revue romane*, 22 (1). pp. 40-58.